HISTÓRIA DA AMÉRICA LATINA

VOLUME I

AMÉRICA LATINA COLONIAL

Leslie Bethell - organizador

Tradução
Maria Clara Cescato

edusp

FUNAG
FUNDAÇÃO
ALEXANDRE
DE GUSMÃO

Copyright © 1984 by Cambridge University Press

Título do original em inglês:
The Cambridge History of Latin America

1ª edição 1997
2ª edição 1998
2ª edição, 1ª reimpressão 2004

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

História da América Latina: América Latina Colonial, volume 1 / organização Leslie Bethell; tradução Maria Clara Cescato. – 2. ed. 1. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2004.

Título Original: The Cambridge History of Latin America.
Bibliografia.
ISBN 85-314-0412-6

1. América Latina – História 2. América Latina – Período Colonial I. Bethell, Leslie.

97–3864 CDD–980

Índices para catálogo sistemático:
1. América Latina: História 980

Direitos em língua portuguesa reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Av. Prof. Luciano Gualberto, Travessa J, 374
6º andar – Ed. da Antiga Reitoria – Cidade Universitária
05508-900 – São Paulo – SP – Brasil
Divisão Comercial: tel. (0xx11) 3091-4008 / 3091-4150
SAC (0xx11) 3091-2911 – Fax (0xx11) 3091-4151
www.usp.br/edusp – e-mail: edusp@edu.usp.br

Printed in Brazil 2004

Foi feito o depósito legal

A Mesoamérica Antes de 1519

OS PRIMEIROS capítulos de uma história da América Latina dizem respeito aos povos que nela habitavam antes do primeiro contato com os europeus. Isso é particularmente válido no caso da Mesoamérica[1]. O México, a Guatemala, El Salvador, Honduras e, em menor grau, a Nicarágua e a Costa Rica, assim como o Equador, o Peru e a Bolívia nos Andes centrais, têm suas raízes profundamente enterradas no subsolo de suas civilizações pré-colombianas. Este capítulo pretende, em primeiro lugar, delinear rapidamente o desenvolvimento dos povos e das altas culturas da Mesoamérica antes do estabelecimento dos mexicas (astecas) no vale do México (*c.* 1325); em segundo lugar, examinar as principais características da organização política e socioeconômica e as realizações intelectuais e artísticas durante o período de predominância (séculos XIV e XV) dos mexicas (astecas); e, em terceiro lugar, apresentar uma visão geral da situação reinante na Mesoamérica às vésperas da invasão européia (1519).

1. Alguns estudiosos alemães, particularmente Eduard Seler (1849-1922), introduziram há mais de setenta anos a expressão *Mittel America* para designar a região onde floresceu uma alta cultura indígena no México central e meridional e no território contíguo dos países do norte da América Central. Muitos anos depois, em 1943, Paul Kirchhoff, em seu "Mesoamérica: Sus Límites Geográficos, Composición Étnica y Caracteres Culturales", *Acta Anthropologica*, 1: 92-107 (Escuela Nacional de Antropología, México, 1943), focalizou sua atenção nos limites geográficos do que ele chamou Mesoamérica. Mesoamérica é mais que um termo geográfico: designa também a região em que altas culturas e civilizações nativas se desenvolveram e disseminaram sob várias formas e em épocas diferentes. No momento da invasão européia, em 1519, suas fronteiras ao norte eram o rio Sinaloa a noroeste e o Panuco a nordeste, enquanto que no centro-norte ela não se estendeu além da bacia do rio Lerma. Seus limites ao sul eram o rio Motagua, que desemboca no golfo de Honduras no mar dos Caraíbas, as praias meridionais do lago Nicarágua e a península de Nicoya na Costa Rica.

Situada entre as vastas massas de terra continental da América do Norte e da América do Sul, a Mesoamérica (uma área de 906 mil quilômetros quadrados) apresenta um aspecto nitidamente ístmico com várias características geográficas notáveis, como os golfos de Tehuantepec e de Fonseca do lado do Pacífico e a península de Yucatán e o golfo de Honduras do lado do mar dos Caraíbas. Essa região, onde se desenvolveram as altas culturas, revela talvez maior diversidade ecológica e geográfica do que qualquer outra de tamanho análogo no mundo. Tem uma história geológica complexa. Principalmente, o soerguimento de montanhas e a atividade vulcânica recentes — como a constituição de duas cadeias montanhosas de origem vulcânica (uma que corre de leste para oeste ao longo dos limites sul do vale do México e a outra na direção noroeste-sudeste através do México e da América Central) — foram responsáveis pela formação de regiões naturais distintas. Embora a Mesoamérica se localize nos trópicos, a complexidade de seu relevo e a variedade de suas formas de terreno, solos e sistemas de drenagem, aliadas aos efeitos dos ventos e das correntes marítimas, resultam numa diversidade de clima, de vegetação e de vida animal. Essa diversidade é bastante acentuada nas bacias fluviais, como as de Panuco, Coatzacoalcos, Grijalva, Usumacinta, Hondo, Motagua, Lerma-Santiago e Balsas, e nas áreas lacustres do vale do México ou Patzcuaro em Michoacán; e é significativo que as mais importantes mudanças culturais da Mesoamérica tenham ocorrido nessas regiões. As sub-regiões realmente tropicais da Mesoamérica compreendem as planícies bem irrigadas de Veracruz e Tabasco: a península de Yucatán, coberta por uma vegetação baixa; a área da floresta tropical das Antilhas na América Central; as planícies costeiras do México central e meridional do lado do Pacífico (Chiapas, Oaxaca, Guerrero, Michoacán, Colima) e da Guatemala, El Salvador, Honduras, Nicarágua, juntamente com a península de Nicoya e a província de Huanacazte na Costa Rica. As principais sub-regiões de montanha — as Sierras (as montanhas da América Central, o sul de Sierra Madre, bem como porções do oeste e do leste de Sierra Madre, e a cadeia vulcânica transversal) e as duas grandes *mesas,* ou planaltos, do centro e do sul — , embora se localizem na região tropical, têm clima e vegetação temperados. A vasta região ao norte da Mesoamérica, entre o planalto central e a atual fronteira México—Estados Unidos, é muito diferente em termos ecológicos e assemelha-se, sob muitos aspectos, aos grandes desertos norte-americanos. A vegetação limita-se em geral a uma diversidade de cactos e alguns capões de arbustos, iúcas ou *palmillas* e, perto

dos rios periódicos, algarobos. Em alguma época, a alta cultura da Mesoamérica disseminou-se de forma atenuada para algumas das sub-regiões do planalto norte (como em La Quemada e em Calchihuites em Zacatecas). No entanto, de modo geral o norte árido sempre foi o lar permanente dos belicosos chichimecas que várias vezes ameaçaram a existência dos povoados mesoamericanos do norte.

AS CIVILIZAÇÕES PRIMITIVAS DA MESOAMÉRICA

A pré-história remota, no caso das Américas, tem início por volta de 35000 a.C., quando aparentemente o homem chegou pela primeira vez ao continente através do estreito de Bering. Existem alguns testemunhos da provável presença do homem, por volta de 20000 a.C., na região ocupada pelo México atual. No entanto, os fósseis humanos mais antigos, descobertos no sítio arqueológico de Tepexpan, cerca de 40 quilômetros a nordeste de Cidade do México, datam de no máximo 9000 a.C. Durante um longo período habitaram a terra apenas alguns bandos de caçadores e coletores de alimentos. Seriam necessários mais três ou talvez quatro milênios para que o homem da Mesoamérica iniciasse, por volta de 5000 a.C., o processo que veio desembocar na agricultura. Achados em várias cavernas de Sierra de Tamaulipas e em Cozcatlán (Puebla) mostram como pouco a pouco os antigos coletores iniciaram o cultivo da abóbora, da pimenta malagueta, do feijão e do milho. A produção de cerâmica teve início muito mais tarde, por volta de 2300 a.C. Em várias partes do México central e meridional e na América Central, começaram a proliferar aldeias de agricultores e artesãos de cerâmica. Algumas dessas aldeias, situadas provavelmente em ambientes mais adequados, como às margens de um curso d'água ou junto ao mar, experimentaram muito cedo um crescimento populacional. Muitas vezes os habitantes dessas aldeias espalhadas por um território tão vasto diferiam étnica e lingüisticamente. Dentre esses, cedo se destacou um grupo em particular. Achados arqueológicos revelam que uma série de mudanças extraordinárias começaram a surgir, a partir de mais ou menos 1300 a.C., numa região próxima ao golfo do México, ao sul de Veracruz e no estado vizinho de Tabasco. Essa região era conhecida desde os tempos pré-colombianos pelo nome de "Terra da Borracha", *Olman*, terra dos olmecas.

Escavações feitas em centros olmecas, como, por exemplo, Tres Zapotes, La Venta, San Lorenzo e outros, revelaram grandes transformações cultu-

rais. La Venta, o maior dos centros, foi erguido numa pequena ilha, a poucos metros acima do nível do mar, numa área pantanosa junto ao rio Tonalá, 16 quilômetros antes de sua foz no golfo do México. Embora só se encontrasse pedra disponível a 64 quilômetros do local, foram desenterradas na região uma série de colossais esculturas de pedra (algumas delas com três metros de altura) e outros monumentos.

Em La Venta, do mesmo modo que em outras localidades olmecas, começou a desenvolver-se uma espécie de proto-urbanismo. É provável que os povos agricultores que se fixaram nas proximidades de La Venta tenham experimentado, junto com o crescimento populacional, vários estímulos a abandonar seu antigo modo de subsistência. Suas realizações pressupõem mudanças em sua organização religiosa, política e socioeconômica.

Até onde sabemos, os olmecas foram os primeiros, na Mesoamérica, a erigir grandes complexos de construções, principalmente para fins religiosos. Desse modo, o centro de La Venta, habilidosamente planejado, incluía pirâmides rebocadas de barro, túmulos circulares e alongados, altares entalhados na pedra, grandes compartimentos de pedra, fileiras de colunas de basalto, tumbas, sarcófagos, estelas, colossais cabeças de basalto e outras esculturas menores. A existência de grandes praças públicas parece indicar que as cerimônias religiosas eram realizadas ao ar livre. Em alguns dos espaços abertos em frente dos edifícios religiosos foram encontradas sob o piso, formando como que um antigo pavimento, máscaras de jaguar, formadas de mosaicos verdes, provavelmente para servirem de oferendas e, portanto, revestidas de argila e adobe. Aquilo que denominaremos criações artísticas também compreendia muitas peças de jade, estatuetas, colares e outros objetos de quartzo talhado e polido, obsidiana, cristal de rocha e serpentina. É possível supor algum tipo de divisão de trabalho. Enquanto muitos indivíduos continuaram a trabalhar na agricultura e em outras atividades de subsistência, outros se especializaram em artes e ofícios diferentes, em garantir a defesa do grupo, em empreendimentos comerciais, no culto aos deuses e no governo, que estava provavelmente nas mãos dos chefes religiosos.

Os olmecas adoravam um deus-jaguar onipresente. Os elementos vinculados ao simbolismo do que seria mais tarde o deus-chuva da Mesoamérica derivaram provavelmente da máscara do deus-jaguar. Estelas e outros monumentos mostram diversas representações de pássaros fantásticos, muitas vezes em associação com jaguares, serpentes ou seres humanos. As oferendas encontradas em funerais são provas da existência de um culto aos

mortos aliado a uma crença na vida após a morte. Deve-se provavelmente aos olmecas que viviam ao longo da costa do Golfo o início do calendário e da escrita na Mesoamérica, embora tenha sido em Oaxaca (em locais que sofreram influência dos olmecas) que se desenterraram os primeiros vestígios dessas obras.

Tudo isso, e a difusão precoce de elementos olmecas em localidades diferentes, muitas delas longe dos centros de origem, parecem confirmar o caráter de uma alta cultura-matriz. A influência olmeca — provavelmente através do comércio e talvez também de uma espécie de empenho religioso "missionário" — aparece manifesta em muitos sítios arqueológicos da região próxima ao golfo do México e no Planalto Central, em Oaxaca, na terra dos maias e no oeste do México (Guerrero e Michoacán). Aqui estavam os antecedentes do Período Clássico da Mesoamérica.

As extraordinárias inovações culturais dos olmecas não significaram o desaparecimento de algumas notórias limitações que continuavam a afetar o desenvolvimento dos vários povos mesoamericanos. Estas compreendem primeiramente a ausência permanente de qualquer uso prático da roda, com suas muitas conseqüências, como, por exemplo, no transporte e no artesanato de cerâmica; em segundo lugar, a ausência (até cerca de 950 d.C.) de um tipo mesmo que elementar de metalurgia, numa presunção de que essa tenha vindo talvez da região andina via América Central; finalmente, a ausência de animais passíveis de domesticação: não havia cavalos nem gado bovino e, com exceção dos perus (para alimentação), somente os cachorros mexicanos sem pêlos faziam companhia ao homem em sua vida quotidiana — e em sua vida no além, uma vez que eram sacrificados para acompanhar seus donos à Terra dos Mortos.

No entanto, essas e outras limitações não constituíram obstáculos insuperáveis ao desenvolvimento posterior dos grupos mesoamericanos. Por volta de 600 a.C., a influência da cultura olmeca começou a se fazer sentir em locais como Tlatilco, Zacatenco e outros, nas proximidades do que séculos mais tarde veio a ser Cidade do México. Processos paralelos desenvolveram-se em outras regiões da Mesoamérica central e meridional. A agricultura se expandiu e diversificou; entre outras culturas, o algodão foi cultivado com sucesso. As aldeias cresceram, dando lugar a centros maiores.

Teotihuacán, a "metrópole dos deuses", constitui o melhor exemplo do apogeu da civilização clássica no planalto central. Recentes achados arqueológicos no local revelaram não apenas a existência de um grande centro ceri-

monial, mas também tudo o que está implícito na idéia de uma cidade. Ela não se desenvolveu da noite para o dia. Vários séculos foram necessários para que gerações de sacerdotes e arquitetos planejassem e executassem, modificassem, ampliassem e aprimorassem o que talvez tenha sido concebido originalmente como uma entidade destinada a uma existência eterna. Além das duas grandes pirâmides e do Templo de Quetzalcóatl, foram descobertos outros recintos, palácios, escolas e diferentes tipos de construção. Extensos bairros, onde os membros da comunidade tinham suas residências, rodeavam o centro administrativo e religioso mais denso. As avenidas e ruas eram pavimentadas, e havia um sistema de drenagem bem planejado. As pirâmides, os templos, os palácios e a maioria das casas dos governantes ou dos membros da nobreza eram decorados com pinturas murais nas quais estavam representados deuses, pássaros fantásticos, serpentes, jaguares e várias plantas.

A metrópole de Teotihuacán, que em seu apogeu, por volta dos séculos V ou VI d.C., se estendia por cerca de vinte quilômetros quadrados, contava com uma população de pelo menos 50 mil habitantes. Diferenças de posição social vinculadas à divisão do trabalho, um exército eficiente, uma agricultura extensiva e um comércio bem organizado, em que os comerciantes atingiam localidades bastante distantes, são algumas das características que se pode talvez considerar atributos da estrutura socioeconômica do estado de Teotihuacán. Os muitos vestígios de sua influência, encontrados em várias sítios arqueológicos remotos, em Oaxaca, Chiapas e mesmo nas regiões montanhosas da Guatemala, parecem indicar que Teotihuacán foi o centro de um grande reino ou de uma confederação de diversos povos. Muitos dos membros da classe governante falavam provavelmente a língua nahuat, uma forma arcaica do náhuatl, que viria a ser, séculos mais tarde, a língua oficial dos astecas.

Os teotihuacanos cultuavam diversos deuses invocados posteriormente por outros povos de língua nahuat: Tlaloc e Chalchiuhtlicue, Senhor e Senhora das Águas; Quetzalcóatl, a Serpente Emplumada; Xiuhtecuhtli, Senhor do Fogo; Xochipilli, Príncipe das Flores. Como aconteceu com outras instituições, a arte que floresceu em Teotihuacán iria influenciar de várias formas outros povos mesoamericanos.

Paralelamente ao desenvolvimento de Teotihuacán, surgiu uma civilização em outras sub-regiões da Mesoamérica. Um dos primeiros exemplos foi Monte Albán, em Oaxaca central, cujo surgimento remonta a cerca de 600

d.C. Nesse local, além do centro religioso construído no topo de uma colina, a presença de numerosas estruturas em suas encostas sugere a existência de um núcleo urbano relativamente grande. Formas mais complexas de escrita, com datas, nomes de lugar e outros hieróglifos presentes em várias inscrições, são indícios igualmente do alto nível cultural atingido pelos zapotecas, que construíram Monte Albán e dominaram muitos outros grupos na região da atual Oaxaca.

Os maias se estenderam pela península de Yucatán e pelas planícies e montanhas dos estados mexicanos de Tabasco e Chiapas e pela Guatemala, Belize e partes de El Salvador e de Honduras. Graças à arqueologia, sabemos da existência de mais de cinqüenta centros maias de importância considerável, que foram ocupados durante todo o Período Clássico. Alguns dos mais famosos são Tikal, Uaxactún, Piedras Negras e Ouiriguá na Guatemala; Copán em Honduras; Nakum em Belize; Yaxchilán, Palenque e Bonampak em Chiapas; Dzibilchaltún, Cobá, Labná, Kabah e os primórdios de Uxmal e Chichén-Itzá na península de Yucatán.

Muitas teses foram levantadas pró ou contra a natureza urbana dos centros maias. Hoje admite-se de modo geral que as aldeias construídas às margens dos rios, como aquelas próximas do Usumacinta ou, em geral, dentro de uma densa floresta tropical, compreendiam não só santuários para os deuses e palácios para os líderes religiosos, como também bairros residenciais para o povo.

De um ponto de vista político, parece que alguns desses centros urbanos estavam associados em vários tipos de "confederações" ou "reinos". Na sociedade maia clássica coexistiam dois estratos sociais claramente distintos: o povo comum, ou plebeus (devotados, em sua maioria, à agricultura e à execução de vários serviços pessoais), e o grupo dominante, composto de governantes, sacerdotes e guerreiros de alta posição. Aos sacerdotes e aos sábios devem-se atribuir as extraordinárias criações artísticas. São dignas de nota a arquitetura, que produziu a abóbada guarnecida de modilhões, a escultura, particularmente os baixos-relevos, e as pinturas murais, como as famosas de Bonampak, em Chiapas. Milhares de textos hieroglíficos, inscritos em estelas de pedra, escadarias, lintéis, pinturas, artigos de cerâmica e livros ou códices confirmam que os sábios e sacerdotes maias estavam de posse de uma alta cultura extremamente sofisticada. Sabemos também que os maias do Período Clássico tinham vários calendários de altíssima precisão. Várias centenas de anos antes que os hindus desenvolvessem a idéia,

possuíam igualmente um conceito do zero e um símbolo para denotá-lo, herdados talvez dos olmecas. Quem quer que consiga decifrar completamente a escrita maia irá descobrir um universo de idéias e símbolos, o núcleo do cosmo maia. Por enquanto podemos pelo menos afirmar que a civilização na Mesoamérica clássica, da qual derivou todo o desenvolvimento ulterior, alcançou seu apogeu com os maias.

Explicações sobre o que aconteceu aos maias, aos zapotecas, aos teotihuacanos e, de modo geral, aos que deram origem e sustentação à civilização em seu Período Clássico não passam até agora de meras hipóteses. O declínio e o abandono final das esplêndidas metrópoles antigas, entre os séculos VII e X, assumiram provavelmente diversas formas. Os testemunhos arqueológicos parecem indicar um colapso repentino no caso de Teotihuacán. Teria sido incendiada a cidade, como sugerem alguns restos de paredes, vigas e outras peças de madeira que remanesceram? Ou foi uma destruição causada por forças externas, que, percebendo talvez que já estava em marcha o declínio, decidiram apossar-se das terras férteis do vale? Ou a ruína da cidade foi o resultado de uma luta interna, política ou religiosa? Ou, de maneira mais simples, como insistiram alguns autores, a metrópole foi abandonada em decorrência de mudanças climáticas relacionadas com o desmatamento e o dessecamento dos lagos, em conseqüência de processos naturais ou talvez das próprias ações do homem?

Se, segundo parece, Teotihuacán teve um fim repentino por volta de 650 d.C., sabemos, por outro lado, que a cidade zapoteca erigida no Monte Albán experimentou um longo período de decadência antes de ser também finalmente abandonada. No caso dos centros maias é como se houvesse chegado um momento irreversível quando os sacerdotes deixaram de construir estelas. Depois, talvez durante um certo período, as velhas cidades começaram a ser gradativamente abandonadas. Não se encontraram vestígios de ataques externos, nem de destruição por fogo. Os centros foram apenas abandonados, quando seus habitantes procuraram outros locais onde se fixar. E seria difícil provar que foi isso o resultado de uma mudança climática violenta e generalizada, de uma catástrofe agrícola ou de uma epidemia geral.

Conjecturas à parte, permanece o fato de que o período entre 650 e 950 d.C. assistiu à queda das civilizações clássicas da Mesoamérica. No entanto, a ruína das cidades não significou a morte da alta cultura nessa parte do Novo Mundo. Sabemos agora que outros povos herdaram e desenvolveram

muitas das realizações clássicas, e algumas delas merecem menção, posto que viriam a influenciar a evolução cultural futura dos mesoamericanos. Muitas delas sobreviveram à conquista espanhola e ainda hoje constituem elementos da cultura de muitos povos do México e da América Central.

Uma das principais características do legado clássico foi o urbanismo co-religioso estreitamente interligado. Os templos e os palácios eram circundados por espaços abertos. De vez que a tradição e o ensino formal eram da competência dos líderes religiosos, tiveram de ser construídas escolas comunais em diversos bairros da cidade. Uma outra instituição importante era a praça do mercado, um local onde não só se comerciava mas também onde as pessoas se encontravam. As habitações para os plebeus eram muito espalhadas e formavam grandes bairros ao redor da parte central da cidade. Além da casa de um pavimento, a maioria dos habitantes possuía um pequeno pedaço de terra onde plantavam alguns legumes. Os mesoamericanos gostavam de todos os tipos de planta. Assim, muitas de suas cidades, vistas de uma certa distância, pareciam uma mistura de pequenas florestas e jardins, com telhados cobertos de palha visíveis aqui e ali e os templos e palácios pintados emergindo por entre o verde em volta. Essa forma de urbanismo permaneceu típica da Mesoamérica. Um exemplo extraordinário apresentou-se aos conquistadores na metrópole asteca, Tenochtitlán-México.

Tanto quanto nos padrões da vida urbana, na esfera artística encontramos mais tarde a forte influência do Período Clássico, e o mesmo é válido no tocante às crenças básicas e às formas de culto. Pode-se buscar numa provável origem comum, parte do legado clássico, uma explicação satisfatória da semelhança e às vezes identidade entre os mitos, ritos e deuses de grupos diferentes do Período Pós-clássico (950-1519). Outros elementos culturais que fizeram parte da mesma herança foram o calendário, a escrita hieroglífica, o conhecimento astronômico e astrológico, uma visão de mundo, formas básicas de organização religiosa, política e socioeconômica, a instituição do mercado e um comércio que conseguia atingir regiões muito distantes.

Entre os povos que se beneficiaram desse legado cultural, alguns exerceram um poder considerável até a chegada dos espanhóis. Mencionem-se também os muitos grupos do Norte, localizados muito além dos territórios sujeitos a Teotihuacán. Alguns já praticavam a agricultura em grau limitado, como os atuais coras, huichols, tepehuanos, cahitas e pimas do noroeste do México. Adiante da região habitada por estes, são encontrados outros grupos,

alguns particularmente primitivos, como os pertencentes à família lingüística hokan, além de outros que haviam alcançado níveis mais adiantados, como os chamados índios pueblos do atual Novo México e partes do Arizona.

A arqueologia revelou que os teotihuacanos haviam exercido, pelo menos indiretamente, alguma influência sobre alguns desses grupos. Isso parece ser particularmente verdadeiro no caso dos índios pueblos, os mais adiantados nos vastos territórios do norte do México. Há indícios igualmente da presença de alguns grupos relacionados culturalmente, e talvez também politicamente, com Teotihuacán, que se haviam fixado no Norte, em postos avançados, para proteger a fronteira contra as incursões dos chamados genericamente chichimecas, seminômades bárbaros, coletores e caçadores.

Os que viriam mais tarde a se chamar toltecas devem ser incluídos entre os colonizadores dos postos avançados. Ao que parece, quando tomaram conhecimento da ruína de Teotihuacán, decidiram "retornar", como narram os textos nativos, à terra de sua origem cultural, isto é, o México central. Vários relatos contam sua peregrinação antes de alcançarem as pequenas cidades ainda habitadas por povos de origem teotihuacana. Os toltecas finalmente se fixaram em Tula, um local a cerca de 80 quilômetros ao norte da atual Cidade do México. *Tula,* ou *Tollan,* na verdade significa metrópole; era isso precisamente que os toltecas estavam prestes a construir.

Uma figura central na história dos toltecas é o famoso Quetzalcóatl, uma espécie de herói cultural, que tirou seu nome de um deus (a Serpente Emplumada) cultuado desde os dias de Teotihuacán. Numerosos textos e livros nativos escritos em náhuatl falam de seu nascimento, vida e feitos prodigiosos. Conta-se que, ainda na juventude, Quetzalcóatl se retirou para Huapalcalco, uma antiga aldeia dos teotihuacanos, para dedicar-se à meditação. Lá foi convidado pelos toltecas a tornar-se seu governante e sumo-sacerdote. Palácios e templos foram construídos e muitas cidades e povos aceitaram o domínio de Quetzalcóatl (o deus e seu sacerdote). Não está totalmente claro o que teria provocado o fim da idade de ouro dos toltecas e a queda final de Tula por volta de 1150. Mas a ruína dos toltecas significou a difusão de sua cultura e sua penetração entre diversos povos distantes. A presença dos toltecas está registrada em anais, como os dos mixtecas de Oaxaca e os dos maias de Yucatán e da Guatemala.

Os mixtecas sucederam aos zapotecas no vale de Oaxaca depois do declínio político e cultural dos últimos. Podemos atribuir-lhes a fundação de novas cidades, como as de Tilantongo e Teozacualco, bem como a recons-

trução parcial das famosas cidades e fortalezas zapotecas. Destacaram-se igualmente nas artes, especialmente como ourives. Por volta de 950, foi introduzido na Mesoamérica o trabalho com metais, ouro, prata, cobre e, em certa medida, o estanho. Os mixtecas são também conhecidos por seus livros de conteúdo histórico — alguns chegaram até nós com registros que remontam a 692 d.C.[2]

Os maias não haviam recuperado seu antigo esplendor. Não obstante, alguns pequenos reinos — Quiché e Cakchiquel nas montanhas da Guatemala, Uxmal e Chichén-Itzá, Mayapán e Tulum na península de Yucatán — revelaram alguns sinais de prosperidade. A chegada de grupos de origem tolteca a Yucatán e à Guatemala contribuiu para essa revivescência. Os que se dirigiram à Guatemala lá chegaram como seguidores de Gucumatz, a tradução do nome de Quetzalcóatl na língua de Quiché e de Cakchiquel. Em Yucatán, o guia dos invasores se chamava Kukulcán, uma palavra com idêntica conotação. Esses novos Quetzalcóatls tinham inclinações mais guerreiras que religiosas. Na Guatemala — segundo o Livro Sagrado dos quichés — Gucumatz e seus seguidores dominaram os maias. Dessa maneira, ocorreu uma nova mistura de povos e culturas. Os guatemaltecos foram "tolteci-zados" em diversos graus. Em Yucatán aconteceu algo muito parecido. Foi criada a chamada Liga de Mayapán, que abrangia esta cidade, Chichén-Itzá e Uxmal. A influência dos toltecas foi tão forte na região que as pirâmides e outros templos e palácios do Período Pós-clássico de Chichén-Itzá foram construídos à imitação dos da metrópole de Tula. No entanto, nem o novo sangue nem os elementos culturais que haviam chegado do planalto central do México produziram uma revivescência do mundo maia. Seu destino era sobreviver, mas sem esplendor, até a época da conquista espanhola, que foi concluída, em 1525, na Guatemala e em 1546 em Yucatán.

O abandono total de Tula, como havia acontecido com a ruína anterior de Teotihuacán, facilitou a entrada no vale do México de grupos provenientes de além-fronteira norte da Mesoamérica. Dessa vez, os bárbaros chichimecas foram os primeiros a penetrar no que havia sido o domínio dos toltecas. Diversos textos nativos descrevem o que aconteceu. Os chichimecas, ao

2. Numa publicação póstuma do estudioso mexicano Alfonso Caso, é oferecida uma análise dos conteúdos de vários livros nativos dos mixtecas, os quais apresentam biografias de um bom número de governantes e homens da nobreza, de 692 a 1515 d.C. Alfonso Caso, *Reyes y Reinos de la Mixteca*, México, 1977-1988, 2 vols. V. especialmente vol. II.

tentar apossar-se do rico território abandonado, se defrontaram com algumas famílias e grupos de toltecas que haviam ficado para trás. Embora os primeiros contatos estivessem longe de ser amistosos, aos poucos as relações foram melhorando. Diversas fontes documentam amplamente os processos de aculturação[3]. Os coletores de alimentos e caçadores começaram a fixar-se nas proximidades das antigas cidades toltecas. Os chichimecas dominaram de um ponto de vista político e militar. No entanto, aqueles que estavam de posse da alta cultura tolteca iriam influenciar profundamente os chichimecas. Esses, a princípio com relutância e depois voluntariamente, aceitaram a agricultura, a vida urbana, a religião tolteca, o calendário e a arte da escrita.

Assim, no final do século XIII, existiam no México central novos estados e "senhorias". Alguns eram o resultado de uma espécie de renascimento das cidades de origem tolteca, ou mesmo teotihuacana. Outros tinham entidades totalmente novas, resultantes da fusão entre as culturas dos toltecas e dos chichimecas. Era essa a situação no vale do México e na região circunvizinha quando chegaram outros grupos do Norte. Dessa vez, os recém-chegados não falavam uma língua chichimeca bárbara, mas o náhuatl, que fora a língua dos toltecas e de um grande número de teotihuacanos. Os vários grupos de língua náhuatl — as chamadas "Sete Tribos" — assemelhavam-se, em alguns aspectos, com os toltecas que haviam vivido anteriormente nos postos avançados do norte, na fronteira da Mesoamérica. Textos deixados por alguns deles, como os tlaxcalanos e os mexicas (astecas), repetem com freqüência: "Estamos retornando do norte, estamos voltando para o lugar onde vivíamos".

A penetração asteca, ou, como é freqüentemente descrita, sua "peregrinação", precisou superar diversos obstáculos. Muitas foram as adversidades, perseguições, ataques etc. que tiveram de enfrentar antes de finalmente se fixarem na ilha de Tenochtitlán, entre os lagos que cobriam uma grande parte do vale do México. Isso ocorreu, segundo várias fontes, no ano de 1325.

OS MEXICAS (ASTECAS)

Uma das realizações dos mexicas no apogeu de seu desenvolvimento político e cultural (mais ou menos os últimos sessenta anos antes do contato europeu) foi o forjamento de uma imagem de suas próprias origens, desen-

3. Cf. Miguel León-Portilla, "La Aculturación de los Chichimecas de Xótotl", *Estudios de Cultura Náhuatl*, Universidad Nacional de México, 1968, vol. VII, pp. 59-86.

volvimento e identidade. Por volta de 1430, seu governante Itzcoatl ordenou a queima dos livros antigos, tanto os anais quanto os de conteúdo religioso, sob a alegação de que: "O povo comum não precisa conhecer os escritos: o governo será difamado, e isso somente espalhará a feitiçaria pelas terras; pois eles contêm muitas falsidades"[4]. Em seu lugar foi desenvolvida e imposta uma nova tradição que transmitia uma imagem do passado adequada às exigências e ideais do grupo cuja dominação estava em processo de rápida expansão. Consultando fontes de proveniência mexica (asteca), é possível reconstituir a nova imagem produzida por sua elite.

Essas fontes são explícitas acerca do tipo de existência que os astecas tiveram de suportar em Aztlan Chicomoztoc, o lugar do qual diziam originar-se. Suas descrições revelam que, em Aztlan (ou, de qualquer modo, antes de ingressarem no vale do México), possuíam numerosos traços da cultura da Mesoamérica (uma afirmação confirmada por testemunhos arqueológicos). Um elemento importante é o fato de que, em seu lugar de origem, estavam subordinados a um grupo dominante. Chamam a esse grupo os *tlatoque* (governantes) e os *pipiltin* (nobres) de Aztlan Chicomoztoc. Dão-se a si mesmos o nome de *macehualtin* (plebeus, com uma conotação de "servos"). Eram obrigados a trabalhar para os *tlatoque* dessa localidade e a pagar-lhes tributo.

Deixaram Aztlan Chicomoztoc e seus antigos governantes porque se cansaram deles. Seu sacerdote, Huitzilopochtli, lhes havia dito que seu deus Tetzahuitl Teotl (uma manifestação de Tezcatlipoca, o Espelho Fumante) havia encontrado para eles um lugar privilegiado. A finalidade era libertar "seu povo" da sujeição e conduzi-los à prosperidade. O deus anunciara que "lá [no lugar prometido], farei de vocês *pipiltin* e *tlatoque* de todos os que habitam a terra. [...] Seus *macehualtin* lhes pagarão tributos"[5]. Por mais simplistas que pareçam, os relatos dos mexicas e as pinturas em seus livros contam passo a passo como se cumpriu essa profecia. O próprio sacerdote através do qual o deus falou foi deificado. Os atributos de Huitzilopochtli e Tezcatlipoca revelam uma notável semelhança na iconografia, como, por exemplo, nas representações encontradas nos códices *Borbonicus* e *Matritensis*. Desenvolveu-se todo um ciclo de poemas e mitos que rememoram os feitos de Huitzilopochtli

4. *Codex Matritensis*, ed. A. M. Garibay e M. León-Portilla, México, 1958-1969, 4 vols., f° 192v.

5. Cristóbal de Castillo, *Fragmentos de la Obra General sobre Historia de los Mexicanos*, Florencia, 1908.

(seu nascimento prodigioso, sua vitória sobre os Quatrocentos Guerreiros do Sul, a assunção por ele próprio do destino de seu povo, sua identificação com o Sol, Doador da Vida...)[6]. Todos esses acontecimentos cumprem profecias e, uma vez que o destino dos mexicas está intrinsecamente ligado ao de seu deus, prenunciam seu cumprimento final para o próprio povo.

Os mexicas contam como eram extremamente pobres em Aztlan Chicomoztoc e durante sua peregrinação em busca do lugar prometido. Em Aztlan praticaram a agricultura em benefício de outros. Mais tarde, viveram como coletores e caçadores. Só ocasionalmente interromperam sua jornada para cultivar alguma terra. Os mexicas seguiam seus guias (sacerdotes e capitães). Formaram grupos que receberam o nome de *calpulli* (*calli*: casa > *calpulli*: "grande casa", com o sentido de "pessoas pertencentes à mesma casa", talvez grupos de famílias ligadas por parentesco, embora não haja certeza quanto a isso). Uma das crônicas nativas relata que originalmente havia sete *calpulli* mexicas[7]. Uma outra afirma que todas juntas perfaziam um total de dez mil pessoas[8]. Suas lendas relatam que o deus Huitzilopochtli, quando lhes fez as promessas, deu sua palavra de que protegeria todos aqueles que pertenciam às "casas" (*calpulli*), os ligados pelo sangue: "seus filhos, netos, bisnetos, seus irmãos mais jovens, seus descendentes"[9]. Ao contrário do que indicam as dúvidas expressas por alguns estudiosos, as tradições insistem na idéia de que, tanto naquele passado remoto como no presente (logo após a conquista espanhola), os membros de um *calpulli* tinham um ancestral comum[10]. A tradição oral e os livros nativos coincidem totalmente nos inúmeros relatos sobre as muitas dificuldades enfrentadas pelos *calpulli* dos mexicas dirigidos por seus sacerdotes e guerreiros. Ocasionalmente, alguns dos mexicas desobedeceram às ordens de Huitzilopochtli, acarretando conseqüências desastrosas. A obediência aos conselhos do deus sempre resultava no cumprimento de suas promessas.

Os mexicas (em sua própria versão de seu passado) pareciam gostar de descrever-se como um povo que na época não era apreciado por ninguém.

6. Cf. *Florentine Codex* (doravante *FC*), 12 vols., Santa Fé, N.M., 1950-1982, livro III, cap. 1.
7. Fernando Alvarado Tezozómoc, *Crónica Mexicayotl*, México, 1972, pp. 22-27.
8. Diego Chimalpahin Cuauhtlehuanitzin, *Second Relation*, reprodução fac-similar em *Corpus Codicum Americanum Medii Aevi*, Ernst Mengin (ed.), Copenhagen, 1949, vol. III, fº 28r.
9. Castillo, *Fragmentos*, pp. 66-67.
10. Alonso de Zorita, *Breve y Sumaria Relación*, México, 1942, p. 36.

Já por si mesmos se colocavam à parte, por terem um destino singular. Entre outras coisas, diziam de si mesmos que reverenciavam aquelas formas de governo e organização de origem divina, diretamente vinculadas ao sumo-sacerdote dos toltecas, Quetzalcóatl. Outros grupos anteriores aos mexicas ou seus contemporâneos também haviam percebido o valor (religioso e político) que havia em afirmar ser investido de poder pela mesma fonte de origem tolteca. Assim, vários povos do México central e de localidades situadas em regiões distantes, como Oaxaca, Guatemala e Yucatán, haviam recebido a insígnia de governo do Senhor do Leste, um dos títulos de Quetzalcóatl[11]. Não é de admirar que os mexicas, já fixados em sua própria terra prometida, tenham decidido seguir o conselho de seus antigos guias e ligar-se a Quezalcóatl e à nobreza tolteca. O senhor de Acamapichtli, um descendente dos toltecas-culhuacanos que também tinham ancestrais mexicas, deu início a uma nobreza asteca. Ele e outros *pipiltin* culhuacanos casaram-se com as filhas dos antigos sacerdotes e guerreiros mexicas. Os membros das famílias daqueles que haviam guiado os mexicas também foram incorporados ao grupo escolhido. Quando aconselhavam seus filhos em suas conversas (*Huehuetlatolli*), os pais mexicas do estrato *pipiltin* lembravam-lhes repetidas vezes sua origem: eram descendentes dos toltecas e, em última análise, do próprio Quetzalcóatl.

Dessa maneira, as tradições e os livros dos mexicas disseminavam essa "imagem verdadeira". Na época, a vida inteira da nação asteca estava sendo transformada no seu caráter geral; muitas pessoas pagavam tributos aos *tlatoque* e *pipiltin* de Tenochtitlán; a profecia de Huitzilopochtli cumprira-se integralmente: dos descendentes daqueles *macehualtin*, que eram "plebeus e servos" em Aztlan Chicomoztoc, nasceram os *tlatoque* e os *pipiltin* mexicas. É o que ensinam os relatos orais, os livros, os poemas e as falas dos mais velhos.

Veremos agora como essa "imagem verdadeira" se assemelha ao que podemos descobrir, a partir de fontes arqueológicas, etno-históricas, lingüísticas e outras fontes documentais disponíveis, sobre a história, a política, a economia, a sociedade e a cultura dos mexicas (astecas) durante o último capítulo de sua existência autônoma.

11. Ver, entre outros, os casos registrados nos *Anales de Cuauhtitlan*, em *Codice Chimalpopoca*, México, 1975, f^os^ 10-11; *Popol Vuh*, trad. de A. Recinos, México, 1953, pp. 218-219; *Anales de los Cakchiqueles*, trad. de A. Recinos, México, 1950, pp. 67-68; Caso, *Reyes y Reinos de la Mixteca*, vol. I, pp. 81-82.

Por volta de 1390, morreu Acamapichtli, o primeiro governante (*huey tlatoani*) de linhagem tolteca e fundador da casa governante dos *tlazo-pipiltin*, "nobres ilustres". Ele e seus sucessores imediatos, Huitzililuitl (1390-1415) e Chimalpopoca (1415-1426), ainda eram sujeitos aos tecpanecas de Azcapotzalco, uma "senhoria" em que os povos de descendência teotihuacana, tolteca e chichimeca se haviam fundido e que nessa época exerceram hegemonia no planalto central. A ilha de Tenochtitlán, onde os mexicas se haviam fixado, era possessão dos tecpanecas. Desse modo, de fato, os mexicas, por mais de um século desde sua chegada em 1325, haviam pago tributos a Azcapotzalco e realizado serviços pessoais para ele.

Em 1426, Chimalpopoca morreu, provavelmente assassinado pelos tecpanecas. Algum tempo depois, irrompeu a guerra entre os tecpanecas e os mexicas. Estes conseguiram a ajuda de vários outros povos também sujeitos a Azcapotzalco. A "imagem verdadeira" destaca neste ponto um episódio extremamente significativo. Quando os tecpanecas estavam prestes a iniciar as hostilidades, a maioria do povo mexica, isto é, os *macehualtin*, ou plebeus, sustentaram que era melhor render-se. Em resposta, os *pipiltin* fizeram um trato: se não conseguissem derrotar Azcapotzalco, obedeceriam aos *macehualtin* para sempre. Todavia, se conseguissem derrotar os tecpanecas, os *macehualtin* deveriam total obediência aos *pipiltin*[12]. A vitória sobre os tecpanecas, por volta de 1430, estabeleceu a base da tão enfatizada situação política e socioeconômica dos *pipiltin* mexicas.

A vitória também significou a total independência da senhoria mexica e o ponto de partida de suas conquistas futuras. Itzcoatl (1426-1440), ajudado por seu sagaz conselheiro Tlacaelel, deu início a uma era de mudanças e conquistas. Moteuczoma Ilhuicamina, "O Velho" (1440-1469), consolidou o poder e a reputação do povo de Huitzilopochtli. Sob o governo de Axayacatl (1469-1481), de Tizoc (1481-1485), de Ahuitzotl (1486-1502) e de Moteuczoma II (1502-1520), o domínio asteca estendeu-se ainda mais. Um fortalecimento extraordinário de sua força militar, combinado com a confiança que tinham em seu próprio destino, resultou numa contínua expansão política e econômica. Numerosas senhorias habitadas por povos de muitas línguas diferentes, entre os quais os totonacas e os huaxtecas nos atuais estados de Puebla e de Veracruz, e os mixtecas e os zapotecas em Oaxaca, foram subjugadas de diver-

12. Diego Durán, *Historia de las Indias de Nueva España*, ed. A. M. Garibay, México, 1967, 2 vols. V. especialmente vol. I, pp. 65-75.

sas maneiras pelos mexicas. E formas organizadas de um comércio dilatado foram responsáveis pela crescente prosperidade do "império" mexica.

A sólida estrutura econômica da organização política dos mexicas, que já estava basicamente formada ao fim do governo de Moteuczoma I (por volta de 1469), foi objeto de muitas interpretações divergentes. A maioria dos cronistas espanhóis (e historiadores do século XIX, como Prescott, Bancroft, Ramírez e Orozco y Berra) haviam reconhecido que a sociedade mexica era, em muitos aspectos, semelhante à dos reinos feudais da Europa. Assim, para descrevê-la, não hesitaram em empregar termos semelhantes aos de reis e príncipes; corte real, *hidalgos* e cortesãos; magistrados, senadores, cônsules, sacerdotes e pontífices; membros da aristocracia, nobres de alta e baixa posição, proprietários rurais, plebeus, servos e escravos. O revisionismo crítico foi iniciado por Lewis H. Morgan, em termos das idéias expressas em seu famoso *Ancient Society* (1877). Ele escreveu:

> A organização asteca colocava-se claramente diante dos espanhóis como uma confederação de tribos indígenas. Nenhuma outra coisa, a não ser a mais grosseira distorção de fatos óbvios, poderia ter autorizado os escritores espanhóis a fabricar a monarquia asteca a partir de uma organização democrática.
>
> [...]
>
> eles [os cronistas espanhóis] temerariamente inventaram para os astecas uma monarquia com características acentuadamente feudais... Essa concepção incorreta já se manteve por mais tempo do que merece devido à indolência dos americanos[13].

As idéias de Morgan, aceitas e divulgadas por Adolph F. Bandelier (1878-1880), exerceram uma profunda influência. A maioria dos pesquisadores aceitaram a tese de que os mexicas e os outros povos que habitavam o sul do México e a América Central não tinham classes sociais diferenciadas e não haviam desenvolvido formas de organização política, como reinos ou outros tipos de Estado. Reconheciam que os povos mesoamericanos eram apenas grupos vinculados por sangue (vários tipos de "tribos" ou "clãs"), algumas vezes associados em confederações.

Meio século mais tarde, um estudo mais sério de fontes indígenas que muitas vezes foram ignoradas antes conduziu a um novo revisionismo. Manuel M. Moreno, Arturo Monzón, Paul Kirchhoff, Alfonso Caso, Friedrich

13. Lewis H. Morgan, "Montezuma's Dinner", *American Review*, abril, 1876, p. 308.

Katz e outros chegaram a conclusões que coincidiam nos seguintes pontos: os *macehualtin*, agrupados em *calpulli*, constituíram entidades sociais relacionadas por parentesco; sua posição socioeconômica diferia tão radicalmente da dos *pipiltin* que se foi forçado a aceitar a existência de classes sociais; entre as muitas distinções que prevaleciam entre os *macehualtin* e os *pipiltin* havia uma muito importante, relacionada com as formas de posse da terra; somente os *pipiltin* podiam possuir a propriedade privada da terra. Além disso, na organização política dos mexicas era reconhecida a existência de um Estado autêntico (um reino).

A aceitação geral dessas conclusões deu a impressão, durante algum tempo, de que se atingira um solo firme no que diz respeito ao caráter das estruturas sociais e econômicas dos mexicas. No entanto, recente pesquisa de Pedro Carrasco e outros, desenvolvida dentro de um arcabouço teórico marxista e usando como dispositivo analítico essencial o conceito de modo asiático de produção, contestou muitas conclusões aceitas de modo geral. Em suma, essa pesquisa defende a tese de que essas sociedades têm como base aldeias comunais primitivas que possuíam e trabalhavam coletivamente a terra. Periodicamente, essas entidades se organizavam sob o governo de um grupo dominante e despótico que se apropriava da mais-valia e arbitrariamente distribuía o usufruto da terra entre seus próprios membros, de acordo com sua função. (Uma vez que não possuíam a terra em caráter privado, há uma certa hesitação em usar o conceito de classe: preferem-se os termos "estratos", "estados", ou "setores".) O povo, ou o estrato dominado, continua a ser integrado em entidades comunais que trabalham a terra para subsistência e para atender às crescentes exigências do grupo dominante. Esse justifica sua existência mediante o governo e a liderança do povo e a direção das obras públicas imponentes, principalmente a fundação de centros urbanos, a construção de estradas e grandes obras de irrigação.

O ponto central do debate em torno da natureza e da estrutura da sociedade e da economia mexicas é a posição social e as realizações do grupo dominante, os *pipiltin*, uma vez que controlavam efetivamente não só Tenochtitlán como também uma vasta parte da Mesoamérica. Segundo sua própria opinião, os *pipiltin* estavam predestinados por seu deus a libertar seu povo (as entidades comunais dos aldeões submetidos aos *tlatoque* e outros *pipiltin* de Aztlan Chicomoztoc). Textos do *Huehuetlatolli* ("o Mundo Antigo") exemplificam isso. São as palavras de um velho dignitário que, falando para a cidade, responde a um discurso do dirigente supremo:

Ó mestre, ó soberano, ó senhor nosso, seu povo está aqui... [e também] os filhos, os nobres filhos, as pedras preciosas verdes, os preciosos braceletes, os filhos de nossos senhores, e os descendentes de Quetzalcóatl,

[...]

Assim vieram à vida, assim nasceram, assim foram criados, onde no início foi determinado, ordenado que deveriam comandar, reinar...[14].

Dentro do grupo dominante vários eram os níveis de hierarquia, posições e títulos: os *tlazo-pipiltin*, "nobres ilustres", eram os descendentes dos que haviam sido os governantes supremos. Dentro desse grupo seleto é que se escolhia o *huey tlatoani*. Os *pipiltin* (não como termo genérico, como era usado antes, mas como uma designação específica) eram aqueles que estavam vinculados de outras formas (não como descendentes diretos) ao mesmo grupo dirigente. Pretextavam também uma linhagem de origem tolteca. Os *cuauh-pipiltin*, "nobres-águia", eram indivíduos assimilados de algum modo pelo grupo dominante (uma indicação de "mobilidade social") em virtude de seus feitos, especialmente em combate. Os *tequihuaque* (traduzido por Alonso de Zorita por *hidalgos*) eram filhos daqueles que exerciam importantes funções administrativas, como os *teteuctin* (senhores), alguns deles *pipiltin* e outros membros ilustres de um *calpulli*.

Os *pipiltin* tinham extrema consciência dessas diferenças de hierarquia entre eles e das possíveis posições que lhes estavam abertas na administração política e econômica do Estado mexica. Isso se reflete no seguinte fragmento de uma conversa de um nobre com seu filho:

Você sabe, você se lembra de que há apenas um governante, o coração da cidade, e que existem dois grandes dignitários auxiliares, um dos guerreiros (*ce quappan*), o outro da nobreza (*ce pil-pan*). O dos guerreiros é o *Tlacatecuhtli*. O da nobreza é o *Tlacochcalcatl*... E o guerreiro [...] será que nasceu para essa posição? Por acaso sua mãe, seu pai lha legaram? Não. Pois ele apenas foi eleito na terra, foi designado, dotado por Ele, o Supremo Doador da Vida[15].

Quando Moteuczoma I iniciou seu reinado, os mexicas e seus aliados já eram senhores de um vasto território que compreendia a maior parte do

14. *FC*, livro VI, cap. 16.

15. *FC*, livro VI, cap. 20.

Planalto Central. Para enfrentar a nova situação, sua organização política foi ampliada a fim de tornar-se mais eficiente. Muito mais que no passado, foi dado poder supremo e absoluto ao *huey tlatoani*. Embora fosse considerado um representante da divindade na terra, não era visto como uma encarnação nem como o filho de um deus. Era o comandante-chefe do exército e um dignitário religioso, bem como o juiz supremo e o senhor cuja vontade ninguém ousava contradizer. Detinha esse papel supremo, não por sucessão hereditária, mas por eleição. A eleição do *huey tlatoani* era dever e privilégio de um número limitado de *pipiltin*. Esse grupo representava a antiga nobreza a quem os plebeus prometeram obediência quando correram o risco de ser aniquilados pelos tecpanecas. Ser eleito governante supremo pressupunha fazer parte do grupo dos *tlazo-pipiltin*. As qualidades pessoais eram cuidadosamente examinadas pelos eleitores. Na verdade, não votavam, pois seu propósito era chegar a uma decisão unânime; assim, passavam vários dias a consultar pessoas diferentes e a deliberar entre si. Finalmente, chegavam a uma aceitação unânime de alguém que, embora pudesse ser superado por outros em alguns aspectos, por outro lado satisfizesse os vários interesses na maioria dos aspectos e fosse considerado suficientemente capaz para ser o líder de toda a nação[16]. Desde Moteuczoma I até a invasão espanhola, todos os *huey tlatoani* foram escolhidos por esse método, cujos vestígios, na opinião de alguns pesquisadores, ainda hoje sobrevivem nas eleições presidenciais do México atual.

Por acreditarem talvez num deus dual supremo, *Ometeotl*, o cargo de governante supremo era complementado por um assistente e conselheiro, o *cihuacoatl*. Embora o sentido mais imediato desse título seja "serpente fêmea", pode-se entendê-lo também como "gêmeo fêmea". Os deveres mais importantes do *cihuacoatl* eram substituir o governante supremo em sua ausência ou morte e presidir o conselho de eleitores e o tribunal supremo.

Outras autoridades proeminentes eram o *tlacochcalcatl* (senhor da casa das lanças) e o *tlacatecatl* (comandante dos homens). Atuavam também aos pares dois juízes principais, dois sumos sacerdotes e dois guardiães do tesouro da nação. Todos esses dignitários presidiam seus altos conselhos correspondentes e participavam do supremo conselho chefiado pelo *huey tlatoani* ou por seu substituto, o *cihuacoatl*.

Todas as cidades, quer as dos mexicas e de seus aliados (Tezcoco e Tlacopan), quer aquelas que foram conquistadas por eles, eram governadas

16. Cf. a descrição detalhada desse "processo eleitoral" em *FC*, livro VIII, cap. 18.

por indivíduos nomeados pelo governante supremo. Esses governadores eram os *tlatoque* (plural de *tlatoani*). Em algumas circunstâncias, o governante supremo enviava um dos *pipiltin* da metrópole asteca para governar um domínio subjugado. Em outros casos, era permitido que os membros do antigo grupo governante das cidades conquistadas permanecessem no cargo após um novo juramento de obediência.

Para a administração de alguns *calpulli*, o *tlatoani* supremo designava oficiais, chamados *teteuctin*. Como já se disse, muitas vezes eram *pipiltin*. Em outras ocasiões, não sendo eles próprios nobres, estavam a serviço de uma família de *pipiltin*. O grupo de unidades de produção administrado por um *teuctli* era chamado de *teccalli* (casa das pessoas do palácio), isto é, nomeados pelo *huey tlatoani*. Eram muito importantes os deveres dos *teteuctin*. Eram responsáveis pela produção na unidade socioeconômica que lhes era "confiada". Sua produção, além de sustentar os *macehualtin* que trabalhavam a terra, tinha de suprir os tributos aos *pipiltin* e, em última análise, também ao *huey tlatoani*.

Os cargos administrativos mais importantes estavam reservados aos *pipiltin*. Eram-lhes conferido os títulos que acompanhavam esse cargo, bem como a posse e o usufruto de terras. Os *pipiltin* não pagavam tributo. Podiam contratar tantos *mayeque* (trabalhadores) quanto fossem necessários para cultivar a terra. Alguns dos *pipiltin* também eram encarregados dos *tecalli*, que abrangiam tanto a terra quanto os *macehualtin* que nela trabalhavam. Os membros do grupo dominante podiam ter tantas esposas quantas pudessem sustentar e outros privilégios, como insígnias e vestes especiais, formas de entretenimento e mesmo alguns tipos de alimento e bebida. Além disso, estavam sujeitos somente à jurisdição de tribunais especiais.

Os filhos dos *pipiltin* freqüentavam os *calmecac*, ou centros de ensino elevado. Neles a sabedoria ancestral era cuidadosamente preservada, ampliada e transmitida. Os que ingressavam neles passavam um certo número de anos preparando-se para os cargos considerados apropriadas aos *pipiltin* como parte de seu destino. Os textos nativos contam o que era ensinado no *calmecac*. O jovem *pipiltin* aprendia formas elegantes de falar, hinos antigos, poemas e relatos históricos, doutrinas religiosas, o calendário, astronomia, astrologia, preceitos legais e a arte de governar. Quando os jovens nobres deixavam o *calmecac*, estavam preparados para exercer um papel ativo na administração pública.

A educação recebida em casa e no *calmecac*, bem como a experiência obtida como membros do grupo dominante, instilava nos *pipiltin* um senso de

responsabilidade e de dignidade. Extratos de alguns *huehuetlatolli* revelam-nos o quanto os *pipiltin* estavam conscientes de sua posição. O pai diz ao filho:

> E quem é você? Você é de uma linhagem nobre; você é cabelo da gente, você é unha da gente, você é o filho de um governante, você é um nobre do palácio, você é alguém precioso, você é um nobre...[17].

Freqüentemente transparece nesses discursos a atitude dos *pipiltin* para com os *macehualtin*. Num relato sobre alguém que se excedeu na bebida encontramos o seguinte:

> Será dito: terá ele talvez feito o papel de um homem comum?

Ou, advertindo uma filha pertencente à nobreza, freqüentemente aparecem palavras como:

> Declaro-lhe especialmente que você é uma mulher da nobreza... Não cause nenhum embaraço a nossos senhores, os governantes... Não seja uma mulher comum (*maa timacehualti*), não se pareça com uma plebéia (*maa timomacehualquixti*).

Em quase todos os aspectos da expectativa de comportamento daqueles de linhagem nobre, a comparação é enfatizada:

> Você deve falar bem devagar, com muita ponderação... Não deve também gritar, a fim de que não seja visto como um imbecil, um desavergonhado, um rústico (cultivador da terra), um verdadeiro rústico...[18].

A questão dos *pipiltin* e da posse da terra é particularmente complexa e controversa. A primeira distribuição de terra feita pelos mexicas seguiu-se imediatamente a sua vitória sobre os tecpanecas de Azcapotzalco, por volta de 1430. O registro desse acontecimento é particularmente significativo:

> Os primeiros que receberam terras foram a casa reinante; as terras pertencentes à senhoria, para manutenção do governante supremo... Onze porções de terra foram

17. *FC*, livro VI, cap. 20.

18. *FC*, livro VI, cap. 14.

dadas depois ao conselheiro do governante, Tlacaelel; e também foram concedidas duas e três porções de terra a vários *pipiltin*, em proporção a seus méritos e funções...[19].

Conhecemos por outras fontes a designação náhuatl das terras distribuídas de modo variado: *tlatocatlalli*, "terras do governante", *pil+tlalli* (*pillalli*), "terra dos *pipiltin*". Estreitamente vinculadas às *tlatocatlalli*, outras terras eram reservadas especificamente para satisfazer as despesas do palácio (*tecpantlalli*), dos templos (*teopantlalli*) e das guerras (*yaotlalli*). As terras que os *calpulli* constituídos por *macehualtin* possuíam comunitariamente eram chamadas *calpul+tlalli* (*calpullalli*).

Será que o governante e os *pipiltin* teriam a propriedade privada da terra ou apenas privilégios pertinentes a funções particulares que eram exercidas pelos favorecidos? Os seguidores de Morgan e Bandelier afirmam que todas as terras pertenciam somente à "tribo" ou "confederação de tribos". Outros, como Alfonso Caso, Paul Kirchhoff e Friedrich Katz, admitem abertamente que os *huey tlatoani* e os *pipiltin* tinham a propriedade privada da terra.

As fontes existentes, embora nem sempre precisas quanto a esse ponto, parecem apoiar a idéia de que a posse da terra estava em relação direta com o cargo e a função administrativa dos indivíduos favorecidos:

> ... o senhor [*tlatoani*] possui terras em vários lugares anexados a sua senhoria, e os *macehualtin* as cultivam para ele, e o reverenciam como um senhor, e essas terras são de posse de quem o suceder como governante...[20]

Como, em alguns casos, o sucessor de um *tlatoani* não era um descendente direto, o sentido do texto parece ser o de que a posse e a transmissão da terra se faziam em função da posição hierárquica. Por outro lado, é verdade que alguns membros de determinadas famílias de *pipiltin* ocupavam o mesmo cargo administrativo por várias gerações. Desfrutavam, assim, de uma forma de posse contínua das terras distribuídas. Um acontecimento ocorrido na época do governante mexica Ahuitzotl é significativo a esse respeito. Os mexicas haviam conquistado a senhoria de Chalco e Ahuitzotl instalara um novo governante local. Esse novo governante destituiu muitos

19. Durán, *Historia de las Indias*, vol. I, p. 101.

20. Sebastián Ramírez de Fuenleal, "Carta al Emperador, de Fecha y de Noviembre de 1532", *Colección de Documentos Inéditos*, 42 vols., Madri, 1864-1884, vol. XIII, p. 254.

pipiltin locais de suas funções administrativas. Em conseqüência, tomou também as terras que possuíam. Os *pipiltin* despojados se queixaram ao governante mexica. A reação de Ahuitzotl foi ambivalente. Disse aos *pipiltin* despojados: "Tomem suas terras de volta". Mas, quando o senhor que ele designara para governar em Chalco explicou seu ponto de vista, Ahuitzotl lhe disse: "Você sabe o que fazer. Destrua-os, enforque-os [...] todos aqueles que querem viver como *pipiltin*..."[21].

No que se refere aos empreendimentos e realizações do grupo dominante no contexto da sociedade que governavam, Angel Palerm afirmou, dentro do arcabouço teórico desenvolvido por Karl A. Wittfogel, que "é suficientemente clara a relação causal entre o apoio oferecido a [uma] sociedade asiática e o despotismo resultante da agricultura hidráulica..."[22]. Pesquisando a existência de obras de irrigação economicamente relevantes na Mesoamérica, Palerm relacionou inúmeros locais onde existem indícios desse tipo de empreendimento.

No caso específico dos mexicas, Palerm reconhece que "a vida econômica dos tenochcas sob seus três primeiros governantes não sugere a existência de cultivo agrícola"[23]. Isso fora uma decorrência, entre outros motivos, do pequeno tamanho da ilha que os mexicas habitavam e das enchentes de água salgada a que estava sujeita. Em sua opinião, a situação mudou após a vitória sobre Azcapotzalco. Então, os governantes mexicas (por conselho de Nezahualcoyotl, o sábio senhor de Tezcoco) introduziram importantes obras hidráulicas. Foram construídos diques para separar a água doce da água salgada dos lagos e aquedutos para levar água potável para a cidade. Os *chinampas* — pequenas ilhas artificiais, construídas num processo de recuperação das terras, onde se cultivavam hortaliças e flores — receberam os benefícios da irrigação.

Mesmo aceitando tudo isso, ainda se indaga sobre a importância dos *chinampas* irrigados em comparação com a quantidade de recursos (milho, feijão, abóboras, hortaliças e outras espécies de produtos agrícolas) que Tenochtitlán recebia como tributo das muitas cidades e senhorias conquis-

21. *Anales de Cuauhtitlan*, fº 39.

22. Angel Palerm, "Teorías sobre la Evolución en Mesoamérica", em *Las Civilizaciones Antiguas del Viejo Mundo y de América*, Theo R. Crevenna (ed.), Washington, 1955, p. 79.

23. Palerm, "La Base Agrícola de la Civilización de Mesoamérica", *Las Civilizaciones Antiguas*, p. 177.

tadas. É verdade que a construção dos diques, aquedutos e caminhos elevados sobre os terrenos pantanosos facilitou enormemente o desenvolvimento da metrópole asteca. Mas poder-se-á dizer que essas obras constituíram uma das principais realizações do grupo dominante a justificar seu domínio despótico sobre o restante dos mexicas?

Se insistirmos em descobrir algo que (em termos do modo asiático de produção) pudesse ser descrito como um empreendimento imponente e impressionante, teremos de buscar em outra parte. Os *pipiltin*, como vimos, haviam forjado sua própria "imagem" que, acima de tudo, confirmava sua missão de manter a vida de sua própria era cósmica, do sol e da humanidade. A oferenda de sangue (renovando o sacrifício primevo dos deuses quando criaram essa era cósmica) ajudava a restaurar a energia divina, conciliando os deuses e obtendo deles o dom vital das águas. Para cumprir esse destino, as preocupações básicas do grupo dominante passaram a ser o culto dos deuses, o sacrifício humano e as guerras para obter cativos e impor o domínio asteca. Nessa perspectiva, a edificação e a restauração dos templos (especialmente o grande conjunto de edifícios sagrados em Tenochtitlán) e a organização e a eficiência do exército, sustentadas por uma ideologia complexa, eram as realizações mais impressionantes do grupo dominante dos mexicas. Outras realizações compreenderam a urbanização e o embelezamento de sua metrópole, a organização administrativa, o estabelecimento de rotas comerciais de longa distância, o funcionamento de mercados locais, a produção de produtos manufaturados (artes e ofícios), a manutenção de um sistema escolar e a propagação do náhuatl como *lingua franca* por toda a Mesoamérica.

Como já afirmamos, os *macehualtin* não eram apenas parte de famílias ampliadas, mas também formavam as unidades extremamente importantes chamadas *calpulli*. Essas entidades socioeconômicas eram comuns na Mesoamérica. Já citamos alguns indícios em apoio à idéia de que os membros de um *calpulli* eram ligados por parentesco, pelo menos originalmente. Embora alguns autores se tenham inclinado a considerar o *calpulli* uma espécie de guilda ou associação com finalidades econômicas específicas, os indícios disponíveis parecem indicar que nos *calpulli* mexicas predominavam tendências endogâmicas.

Alguns *calpulli* eram criados como parte integrante de grandes cidades. Foi o caso em cidades como Texcoco, Culhuacan e Tenochtitlán-México. Nessa última cidade, havia mais de cinqüenta *calpulli* na época da chegada

dos espanhóis. Como veremos, os membros da maioria desses *calpulli* "urbanos" não cultivavam a terra. Dedicavam-se a outras formas de produção. Entre eles, grupos de artesãos, artistas e comerciantes haviam conquistado grande importância econômica. Existiam outros *calpulli* cujos membros constituíam a maioria da população de cidades menores e muitas aldeias dispersas. Algumas dessas cidades, rodeadas por grupos de aldeias dentro de territórios de extensão variada, constituíam uma senhoria. Essas comunidades políticas eram governadas por uma nobreza local (com seu aparelho administrativo correspondente). Na época da maior expansão dos mexicas, muitas dessas entidades situadas no planalto central e em outras áreas de Veracruz, Guerrero, Oaxaca e Chiapas, estavam submetidas de diversas formas, através do pagamento de tributos, aos governantes de Tenochtitlán-México. Em alguns casos, suas nobrezas locais haviam sido substituídas por *pipiltin* mexicas. Em outros, foram introduzidas diversas formas de compromisso. Muitas vezes, o soberano central enviava *teteuctin* (administradores oficiais) para as cidades e aldeias subjugadas a fim de controlar a produção local. Dessa forma, muitos *calpulli* de regiões controladas pelos astecas eram "outorgados" a um *teuctli* mexica. Esse tipo de unidade socioeconômica constituía um *teccalli.* Sua organização era estruturada de modo a facilitar a cobrança de tributos e a requisição de serviços pessoais diretamente dos *calpulli,* em vez de fazê-lo simplesmente através da senhoria conquistada a cuja jurisdição pertenciam esses *calpulli.*

Essa estrutura imposta não suprimiu as características socioeconômicas internas dos *calpulli.* Cada um tinha suas autoridades locais, sobre as quais escreve Alonso de Zorita:

> Dois *principales* em cada *calpulli* convocam o povo a providenciar o pagamento do tributo ou a obedecer ao que o governante (*teuctli*) ou outros funcionários tenham ordenado [...] e eles [os membros do *calpulli*] preferem que seus "cabeças" [os *principales*] pertençam ao mesmo grupo...[24].

Esses dois *calpulleque* (os encarregados dos *calpulli*), além de serem responsáveis pela subsistência de sua própria comunidade, tinham de agir como intermediários junto aos *teteuctin.* Os *calpulli,* segundo Zorita e outras fontes, tinham suas próprias instituições locais: um sacerdote (ou sacerdo-

24. Zorita, *Breve y Sumaria Relación,* p. 30.

tes) encarregado do templo local; um *tlahcuilo*, um "pintor de livros", ou escriba, cuja tarefa principal era manter os registros de suas propriedades fundiárias, dos tributos e outros dados relativos à história do grupo. Um tesoureiro local (*calpixqui*), os comandantes dos esquadrões do *calpulli* e o conselho dos anciãos também eram figuras de importância no *calpulli*.

A terra era de propriedade comum dos membros do *calpulli*. No entanto, deve-se ter em mente que o "proprietário final" dos recursos agrícolas, inclusive da terra e de tudo o que a ela estivesse vinculado, era a unidade política a que o *calpulli* estava submetido. Existiam também alguns *calpulli* sem terra. Com exceção daqueles que descrevemos como "*calpulli* urbanos", os que viviam nos *calpulli* desprovidos de terra tinham de trabalhar como *mayeque*, servos ou trabalhadores, cultivando a terra dos outros (especialmente dos *pipiltin* prósperos).

Quaisquer que fossem as circunstâncias específicas de vida dos indivíduos que não eram *pipiltin*, pode-se afirmar que faziam parte de um *calpulli* específico. A soma dos membros do *calpulli* (urbano, semi-urbano e rural) formava o estrato social dos *macehualtin*. Em sua maioria, a forma de vida dos *macehualtin* envolvia uma economia de auto-subsistência dentro de seu *calpulli* e obediência total a suas autoridades internas, aos *teteuctin* e a outros funcionários administrativos nomeados pelo grupo dominante. Além disso, tinham de pagar tributo, servir o exército e executar uma série de outros serviços pessoais para o Estado. Esses serviços compreendiam o trabalho manual na construção de templos e palácios ou em outras obras públicas, ou o serviço de carregadores no transporte de cargas pesadas de mercadorias para locais distantes.

Em períodos de dificuldade, as condições de vida dos *macehualtin* pioraram sob muitos aspectos. Assim, por exemplo, durante períodos de escassez de alimentos foram obrigados muitas vezes a vender-se ou a seus filhos como *tlatlacotin*, um termo que os espanhóis traduziram por "escravos". No entanto, na Mesoamérica a escravidão era muito diferente da que predominava no mundo europeu. Na época dos mexicas, um escravo era vendido por tempo limitado: o próprio escravo, ou seus parentes, podiam resgatá-lo. Os filhos de escravos não eram considerados escravos. Por outro lado, tornar-se um escravo incluía o risco de ser escolhido para o sacrifício humano, pois o senhor tinha o direito de oferecer seus escravos para esses rituais.

Para resumir: é evidente que o modo de vida dos *macehualtin* diferia radicalmente do dos *pipiltin*. A relação desses últimos com os recursos naturais disponíveis, sua participação na produção e nos frutos obtidos dela, sua

função na administração pública e seus privilégios contrastavam fortemente com a posição social do povo, dos plebeus, descritos freqüentemente como os "pobres e miseráveis" *macehualtin*.

É difícil estudar a economia asteca devido à escassez de fontes que pudessem permitir uma quantificação dos elementos e forças que afetavam a produção. Não há um consenso sobre o número total de habitantes no México central, nos estados de México, Hidalgo, Puebla, Tlaxcala, Querétaro, Guanajuato, Michoacán, Colima, Jalisco, Guerrero e Veracruz — estimativas recentes variavam de 12 a 25 milhões[25] — nem sobre o número de pessoas envolvidas em cada área de produção nas várias regiões, cidades e aldeias.

Por outro lado, há pelo menos indícios confiáveis sobre as principais formas de especialização dentro da força de trabalho. Temos, assim, informações de que havia uma divisão do trabalho de acordo com o sexo. As tarefas agrícolas e a maior parte da produção especializada eram destinadas aos homens. Às mulheres eram reservadas as tarefas domésticas, inclusive o trabalho pesado, como a feitura da massa de *tortillas*, que exigiam longas horas de trabalho com uma pedra de moer. A fiação e a tecelagem eram também tarefas das mulheres. Temos notícia também de outros tipos de especialização, por exemplo, a pesca e a mineração, bem como a construção (pedreiros, decoradores de pedra, carpinteiros e pintores) e a manufatura (ceramistas, cesteiros, curtidores, artesãos de esteiras e sandálias). Havia uma ampla variedade de artesãos que produziam objetos úteis como papel, instrumentos de pedra e de madeira, canoas, ou objetos de luxo, principalmente para os membros da nobreza e para os sacerdotes. Entre esses, estavam os ourives, os trabalhadores com penas, os escultores e os famosos *tlahcuilo*, ou pintores de livros. Deve-se lembrar que, embora existissem essas especializações, a grande maioria dos *macehualtin* dedicavam a maior parte de seu tempo à terra.

As informações sobre os recursos naturais em que se baseava a economia mexica sofrem o mesmo tipo de limitação que as relativas aos recursos humanos. Essas fontes, embora algumas delas forneçam dados quantitativos, são em sua maioria meramente descritivas. Por exemplo, quando tratam da terra de agricultura, ocasionalmente fornecem medidas, porém encontram-

25. Ver adiante, às pp. 129-31, "Nota sobre as Populações Americanas às Vésperas das Invasões Européias".

se com mais freqüência descrições do tipo e do uso. *Atoctli* era um termo usado para descrever a terra com água adequada e boa para a agricultura, enquanto *cuauhtlalli*, "terras de árvores", indicava a presença de resíduos vegetais ou terra coberta com vegetais em decomposição. Nas áreas, bastante restritas, favorecidas pela presença de água e material orgânico, evidentemente cresceu o plantio de culturas básicas — milho, feijão, abóbora, pimenta malagueta. Outras terras eram destinadas a uso específico, como as chamadas *xochimilpan*, para o cultivo de flores. Os diversos territórios que de uma maneira ou de outra estavam sob o domínio dos mexicas compreendiam terras não-cultivadas onde cresciam plantas usadas como medicamentos, e outras que forneciam alimento, ou árvores para a extração de madeira de construção. A população animal abrangia espécies aquáticas encontradas nos lagos e rios e outras que serviam de alimento, que eram obtidas por caça ou por criação seletiva, como no caso bem conhecido do peru. A ausência de outros animais domésticos (com exceção do cão) era, em grande medida, um obstáculo ao desenvolvimento de uma tecnologia mais eficiente. Como não havia bestas de carga ou outros animais que pudessem ser empregados para puxar, o uso da roda estava limitado a alguns brinquedos.

O ouro, a prata, o cobre, o estanho e, provavelmente em escala menor, o chumbo eram os metais conhecidos dos mesoamericanos. Outros minerais usados eram o cinabre (sulfato de mercúrio) e a calcita (carbonato de cálcio), bem como os vários pigmentos minerais, as pedras semipreciosas e outros tipos de pedra.

Os mesoamericanos, apesar de suas realizações na arte e no cálculo de calendário, não se destacaram como produtores de instrumentos. No entanto, suas ferramentas eram sob muitos aspectos razoavelmente adequadas. Compreendiam utensílios de pedra, como martelos, facas, raspadeiras, almofarizes, mós e outros instrumentos de desenho diverso. Outras, como ganchos, agulhas e instrumentos para trabalhar com couro, eram feitas de osso. A madeira era usada para fazer furadores a fogo, flechas, dardos, clavas e a *coa*, ou vara de cavar, usada na agricultura. Mais tarde, quando começaram a praticar a metalurgia, produziram com o cobre machados, enxadas, furadores, facas e várias armas.

As técnicas agrícolas eram variadas. Além do cultivo sazonal, no qual às vezes empregavam alguns tipos de fertilizante, as sociedades da Mesoamérica fizeram uso de sistemas de irrigação, terraceamento e, principalmente

na região central, introduziram os famosos *chinampas*, descritos muitas vezes como "jardins flutuantes". Eram estruturas artificiais de junco, cobertas com terra fértil, fundeadas nos leitos dos lagos por meio de estacas de madeira. Nos *chinampas* eram plantados salgueiros para segurá-los no lugar. Sobre o excelente solo dos *chinampas*, os mexicas cultivavam flores e legumes frescos em abundância.

O estudo dos livros nativos, como a *Lista de Tributos* e o *Codex Mendoza*, permite avaliar a quantidade de mercadorias que os *calpulli* (unidades básicas de produção), as cidades e as comunidades políticas (consideradas as unidades econômicas mais amplas) subjugadas passavam às mãos dos governantes de Tenochtitlán. Não é de admirar que os mexicas, para obter o pagamento imediato e correto de um tributo, tenham desenvolvido um mecanismo administrativo extremamente complexo.

Outros elementos de grande importância na economia do México antigo eram as praças de mercado e o comércio praticado pelos *pochtecas*, ou comerciantes. Grandemente impressionados, alguns conquistadores nos forneceram em suas crônicas um quadro da principal praça de mercado de Tlateloco, a cidade incorporada a Tenochtitlán. A maioria dos produtos oferecidos no mercado entravam na metrópole asteca ou trazidos por comerciantes ou na forma de tributo. Ao mesmo tempo, outros produtos manufaturados eram exportados pelos mexicas. Um fator que contribuiu de modo relevante para a expansão do comércio foi a necessidade de satisfazer as crescentes demandas de uma nobreza mais rica e de uma vida religiosa extremamente elaborada.

Os pochtecas, que, como plebeus, faziam parte dos *calpulli*, logo perceberam a importância de suas funções. Transformaram sua organização numa entidade social comparável a uma guilda. Cada guilda tinha seu diretor (chamado *pochtecatloque*, "chefe dos *pochtecas*") e várias categorias de membros. Entre essas estavam os *Oztomecas*, que eram especializados em regiões distantes e falavam as línguas desses lugares. Havia 69 categorias diferentes de comerciantes, inclusive comerciantes de escravos, de metais preciosos, de fumo, de cacau, de animais, de papel e de milho[26].

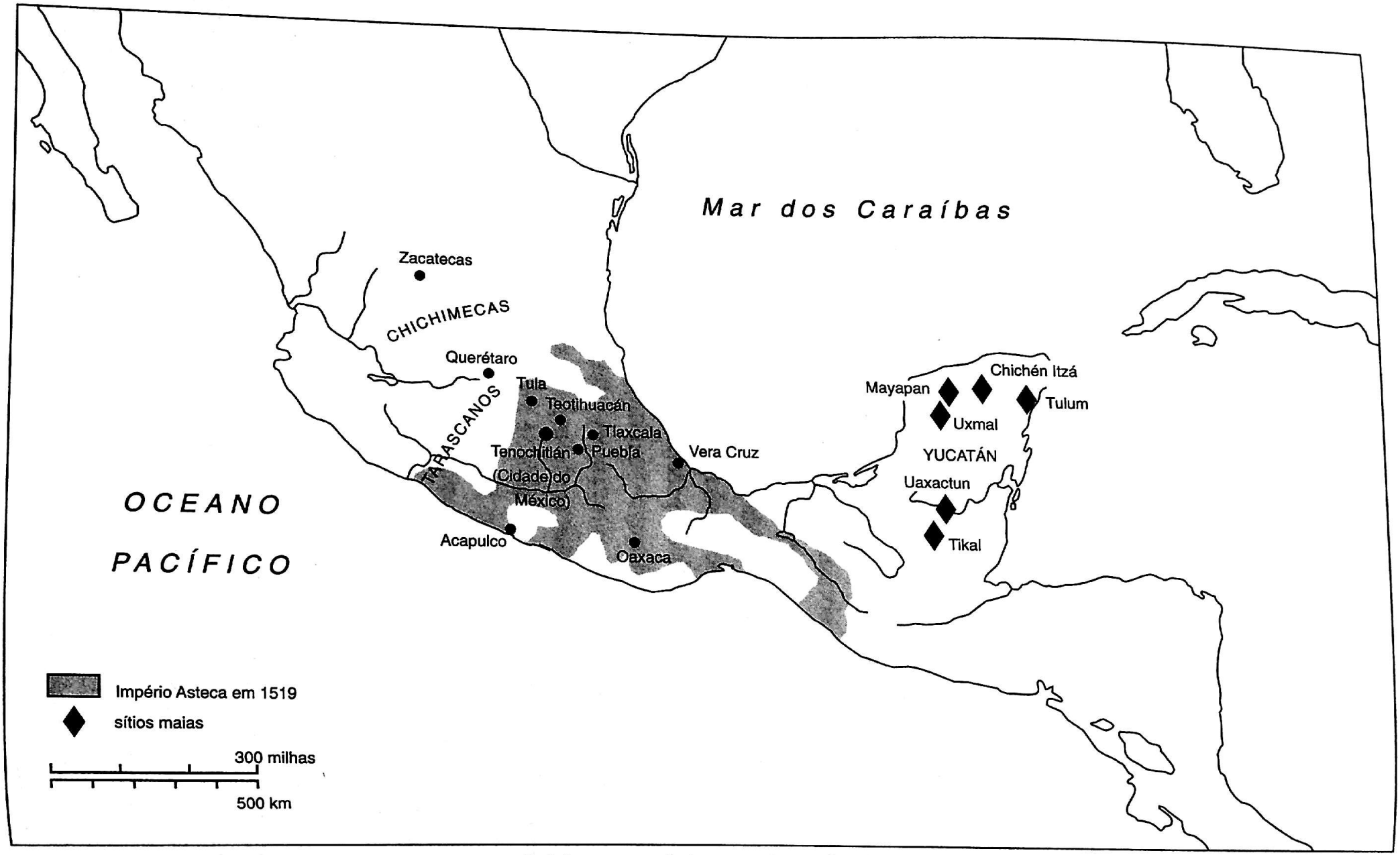
26. No livro IX do *FC* existem abundantes informações sobre o *pochtecayotl*, ou comércio. Cf. também Bente Bittman e Thelma D. Sullivan, "The Pochteca", em *Mesoamerican Communication Routes and Cultural Contacts*, Provo, Utah, 1978.

Além de comprar e vender, os comerciantes também lidavam com vários tipos de contratos e empréstimos no sentido de viabilizar seus negócios. O governante e os membros da nobreza, bem como alguns dos comerciantes estabelecidos (inclusive algumas mulheres), faziam contratos de empréstimo com os comerciantes que viajavam a lugares distantes. Assim, um relato asteca registra uma ocasião em que o rei Ahuítzotl concedeu 1 600 mantos por empréstimo a comerciantes que seguiam para a costa do Pacífico. A menção dos mantos pequenos, chamados *quachtli,* refere-se a um tipo específico de símbolo de troca. Eram, na verdade, mantos de tamanhos variados, aceitos como uma espécie de símbolo monetário, uma vez que eram garantidos pela riqueza e autoridade do *huey tlatoani* asteca. Havia outros empréstimos na forma de pequenos tubos cheios de ouro, bem como sacos de cacau de vários tamanhos.

A administração dos mercados e o estabelecimento de padrões de troca eram duas funções importantes dos comerciantes. Além disso, Ixtlilxochitl relata que, dos quatro conselhos supremos do governo, o quarto conselho era o do Tesouro, onde todos os administradores do rei e alguns dos mais importantes comerciantes da cidade se reuniam para discutir as questões do Tesouro e os tributos reais[27]. Sendo os comerciantes conselheiros econômicos do governante, não é de surpreender que tenham adquirido inúmeros privilégios que os tornaram quase iguais a membros da nobreza. Além de ter seus próprios tribunais, cobravam os tributos, freqüentemente negociavam em nome do rei e atuavam como espiões nas regiões distantes. Por seu intermédio, o comércio e a economia de modo geral expandiram-se vigorosamente e contribuíram para o florescimento de instituições religiosas e culturais. Inversamente, os desenvolvimentos culturais e religiosos exerceram influência considerável sobre o conjunto da sociedade, inclusive sobre a economia.

A religião predominante em Tenochtitlán-México na época da conquista espanhola foi o resultado de longo processo de fusão e síntese. Não obstante, que os sacerdotes haviam trabalhado duro para dar-lhe uma ordem funcional que incorporasse a visão de mundo e os ideais dos mexicas.

27. Fernando de Alva Ixtlilxochitl, *Obras Históricas*, México, 1891-1892, 2 vols. Ver vol. I, pp. 211-218.



A Mesoamérica antes de 1519

O mundo não começara a existir de um momento para o outro, mas em vários períodos consecutivos. A "primeira fundação da terra" havia ocorrido milhares de contas-ano atrás. Haviam existido quatro sóis. Durante essas eras, ou "sóis", os processos de evolução haviam produzido formas, cada uma mais perfeita que a anterior, de seres humanos, de plantas e de gêneros alimentícios. Quatro forças primevas (terra, vento, água e fogo), numa curiosa semelhança com o pensamento da Antigüidade clássica, haviam governado essas eras até a chegada da quinta, a atual, a era do "sol do movimento".

Evoluindo talvez a partir dos cultos ao sol e à terra, desenvolveu-se a crença num pai onicriador e numa mãe universal como divindade dual suprema. Sem perder sua unidade, no sentido de que os hinos antigos sempre a invocavam no singular, essa divindade era conhecida pelo nome de *Ometeotl*: "o deus dual", ele e ela de nossa carne, *Tonacatecuhtli* e *Tonacacíhuatl*, que numa portentosa união cósmica engendraram toda a criação.

O deus dual era também "mãe dos deuses, pai dos deuses". Numa primeira manifestação de seu próprio ser, nasceram seus quatro filhos: os "espelhos fumantes" branco, preto, vermelho e azul. Esses deuses constituíam as forças primordiais que colocaram o sol em movimento e criaram a vida na terra. Foram também responsáveis pelas quatro destruições cíclicas do mundo que aconteceram anteriormente.

Embora estivesse previsto que o destino final dessa quinta era seria um cataclisma, os mexicas não perderam o interesse pela vida. Ao contrário, isso os estimulou de forma notável. Uma vez que foi um sacrifício primevo dos deuses que criou e colocou o sol em movimento, somente mediante o sacrifício dos homens é que a era atual poderia ser preservada. O "povo do sol" assumiu por si mesmo a missão de supri-lo com a energia vital encontrada no líquido precioso que mantém o homem vivo. O sacrifício e a guerra cerimonial para prear vítimas para os ritos sacrificiais eram suas atividades centrais, o próprio núcleo de sua vida pessoal, social, militar e política.

Há testemunhos de que, na Mesoamérica antes dos mexicas, se realizavam sacrifícios humanos mas aparentemente nunca antes em número tão grande. Se os *pipiltin* mexicas acreditavam que sua missão era, assim, manter a vida do sol, também compreendiam que, através de suas guerras para a preia de vítimas sacrificiais, ampliavam igualmente seu domínio e satisfaziam suas crescentes necessidades econômicas.

As fontes descrevem também várias outras formas de culto aos muitos deuses adorados pelos mexicas. Um lugar muito especial era reservado a

esses ritos e cerimônias em honra da Deusa Mãe, invocada sob numerosos títulos, inclusive o mais genérico de *Tonantzin*, "nossa Reverenda Mãe". A importância da *Dea Mater* dos mexicas (e dos mesoamericanos em geral) foi claramente percebida pelos missionários espanhóis, alguns dos quais não rejeitaram a possibilidade de uma síntese do conceito pré-colombiano com as crenças relacionadas com a Virgem Maria. Um bom exemplo é a Virgem de Guadalupe, cujo santuário foi construído onde antes ficava o de Tonantzin.

Os livros nativos e as transcrições setecentistas em língua nativa de numerosos textos preservados pela tradição oral são os repositórios das literaturas mesoamericanas. Neles encontramos mitos e lendas, hinos rituais, uma diversidade de poemas, discursos, crônicas e relatos históricos, os inícios da composição dramática, doutrinas religiosas e proclamações do governo. Através desses textos pode-se obter uma imagem da vida quotidiana não só dos mexicas, mas também de vários outros povos. O hino que se segue fala do deus dual:

No lugar da autoridade,
no lugar da autoridade, comandamos;
é o mandamento de nosso Senhor Principal,
Espelho que faz as coisas se manifestarem.
Eles já estão a caminho, estão preparados.
Inebriem-se,
o Deus da Dualidade está agindo,
o Inventor dos Homens,
Espelho que faz as coisas se manifestarem[28].

As palavras dos sábios expressam às vezes suas crenças, porém freqüentemente são também a manifestação de suas dúvidas. Reconhecem que a vida na terra é transitória e que, no final, tudo deve desvanecer-se. Eis um exemplo dessas formas mais pessoais de composição poética:

Habitamos realmente a terra?
Não é para sempre aqui na terra; apenas um momentinho.

28. *Historia Tolteca-Chichimeca*, manuscrito mexicano 46-58 bis, Bibliothèque Nationale, Paris, fº 36.

Embora seja jade, ela irá quebrar-se,
Embora seja ouro, ela é esmagada,
embora seja pena *quetzal*, ela é dilacerada.
Não para sempre aqui na terra; apenas um momentinho[29].

Às vésperas da invasão espanhola, Tenochtitlán-México, a metrópole asteca, era o centro administrativo de um vasto e complexo conglomerado político e socioeconômico. Vários autores, ao descrever a natureza política dessa entidade, utilizaram termos como *império*, *reino* ou *confederação de senhorias* e mesmo *tribos*. A maioria das velhas senhorias do planalto central (como as de Chalco-Amaquemeca, Cuitlahuac, Xochimilco, Coyohuacan e Culhuacan) e muitas outras nas regiões de Hidalgo, Morelos, Guerrero, Puebla, Veracruz, Oaxaca, Tabasco e Chiapas reconheciam o governo asteca. Estavam submetidas à metrópole mexica de diferentes formas. No entanto, mesmo nos casos em que os governantes locais tenham continuado a governar suas senhorias, reconheceram Tenochtitlán-México como a metrópole central da qual se originavam as ordens e exações, inclusive o pagamento de tributos e uma série de serviços pessoais, como a "proteção" das rotas comerciais. Os deuses tutelares das senhorias submetidas partilhavam do destino de seus povos. Em Tenochtitlán-México, as divindades tutelares das cidades e províncias subjugadas eram mantidas num templo, o *coateocalli*, "casa comum dos deuses": eram consideradas "cativos divinos". Seus destinos (*tonalli*) (como no mito de Huitzilopochtli que incorporou em si mesmo os destinos dos Quatrocentos Guerreiros do Sul) simbolizavam o destino profetizado do Povo do Sol. Além disso, o náhuatl tornou-se a *lingua franca* numa vasta área da Mesoamérica. Os falantes de otomi, mazahua, matlatzinca, tepehua, totonaca, tlapaneca, mazateca, mixteca, zapoteca, bem como de várias línguas maias, como chontal, tzeltal e tzotzil, aceitaram usar a língua dos governantes de Tenochtitlán.

Por outro lado, algumas senhorias haviam conseguido resistir à penetração dos mexicas. Foi o caso dos purepechas ou dos tarascanos de Michoacán e dos tlaxcalanos no Planalto Central. Os últimos, em especial, haviam desenvolvido um ódio profundo aos mexicas, com quem foram forçados a lutar periodicamente nas famosas "Guerras das Flores", cuja finalidade era

29. *Coletânea de Canções Mexicanas*, manuscrito asteca preservado na Biblioteca Nacional do México, f° 17.

obter vítimas para o sacrifício ao Sol-Huitzilopochtli. Para além dos territórios sob influência direta dos mexicas, nas áreas sul e norte do que é hoje o México, um grande número de povos preservaram seus próprios padrões culturais distintos. No sudeste várias senhorias de língua e cultura maias (as existentes em Campeche, Yucatán, no Petén, na Guatemala e em Honduras) ou de língua náhuatl (em El Salvador e na Nicarágua) mantiveram em graus diversos muitos elementos de sua alta cultura ancestral, apesar de sua carência de qualquer organização política relevante. No nordeste, para além da orla da Mesoamérica ocupada pelos mexicas, haviam-se fixado um bom número de falantes de línguas uto-astecas, entre eles os coras, os huichols, os tepecanos, os tepehuanos, os mayos, os yaquis, os tarahumaras, os pimas e os opatas. A maioria desses grupos viviam em pequenas aldeias como agricultores sedentários. Seus padrões de cultura podem ser comparados aos dos habitantes da Mesoamérica central na metade no Período Pré-clássico Médio.

Grupos muito menos desenvolvidos viviam nas áreas de fronteira ao norte do Planalto Central e a nordeste da Mesoamérica. Em termos gerais, os mexicas chamavam todos os habitantes dessas regiões de teochichimecas, isto é, os chichimecas autênticos, os "povos nômades do arco e flecha". Há freqüentes registros de que os teochichimecas não tinham aldeias, nem casas, nem campos cultivados. Eram na verdade temíveis *popolocas*, uma palavra que tem um significado muito próximo de "bárbaros". Num passado distante (durante a era tolteca e talvez também no Período Clássico), os mesoamericanos haviam estendido sua influência para além dos territórios que se tornaram possessão dos teochichimecas. Não há registros de qualquer tentativa de expandir rumo ao norte no período de Tenochtitlán-México. Foi deixada aos espanhóis (acompanhados pelos tlaxcalanos e pelos mexicas) a conquista e a colonização da vasta extensão de territórios para além da Mesoamérica.

Assim, um mosaico de povos, culturas e línguas possuíam a terra em que Hernán Cortés e seus seiscentos homens logo iriam desembarcar. O conquistador cedo ficaria sabendo da existência dos mexicas. Foram feitas referências a eles pelos maias de Yucatán, pelos chontals de Tabasco e pelos totonacas de Veracruz. Por intermédio dos últimos, e particularmente dos tlaxcalanos, Cortés foi informado do poder e da riqueza da metrópole asteca e de seus governantes, em especial de Moteuczoma. Em seus escritos (e nos dos outros "cronistas soldados") pode-se encontrar inúmeras referências aos aspectos mais óbvios da estrutura política, religiosa e socioeconômica que

sustentavam a grandeza dos mexicas. Embora às vezes superficiais ou errôneos, os comentários dos conquistadores espanhóis coincidem em vários pontos com as indicações extraídas de fontes nativas e da moderna pesquisa arqueológica. Os espanhóis certamente perceberam que, no meio daquele mosaico de povos, culturas e línguas, os mexicas se sobressaíam como os criadores e governantes de uma complexa entidade política, com muitos contrastes tanto dentro quanto fora de sua grande metrópole. De um lado, havia os ricos e poderosos *pipiltin* servidos pelos *macehualtin*; de outro, notavam-se diferenças radicais entre os *tlatoque* mexicas que governavam em muitas cidades e províncias submetidas a Tenochtitlán e os destituídos e obedientes *pipiltin* e *macehualtin* dos povos sob o domínio asteca. Cortés logo compreendeu a situação. Lado a lado com a magnificência da metrópole asteca (visitou-a como convidado em 1519) estava a realidade do domínio imposto dos mexicas. Sabia quão profundamente os totonacas, os tlaxcalanos e muitos outros odiavam os mexicas. Tirou vantagem disso e (sem percebê-lo completamente) desempenhou um papel importante no último capítulo da história da Mesoamérica autônoma. Os inimigos de Tenochtitlán acreditaram que os espanhóis os estivessem apoiando. Crendo nisso, conseguiram derrotar os mexicas, sem saber por algum tempo que seus aliados estrangeiros eram os únicos a tirar proveito dessa vitória. A ordem espanhola — política, religiosa, socioeconômica — implantada inexoravelmente afetaria igualmente os mexicas, os tlaxcalanos e todos os outros mesoamericanos.